



LUA, COLAR, CORAL, MAR

THIAGO CASCABULHO

1º EDIÇÃO

2021

Sabemos que nem sempre as escolas conseguem exemplares suficientes da obra “Lua, Colar, Coral, Mar”. A opção de ler o livro online também pode ser difícil em localidades de baixa conexão de internet. Pensando nisso, disponibilizamos o texto do livro abaixo, na íntegra, para ser impresso facilmente em qualquer impressora. Autorizamos que ele seja xerocado e enviado aos alunos.

Este arquivo não conta com as belas ilustrações do Estúdio Rebimboca, que dificultariam a impressão. Elas podem ser conferidas na versão online do livro, que pode ser baixada em nosso site, assim como nossa cartilha pedagógica. Lá no site do Projeto Abraça o Mar você poderá encontrar também nosso curso EAD, videoaulas, o audiolivro e muito mais.

www.abracaomar.com.br

Capítulo I

Os arrecifes de coral da Bahia costumavam ser perigosos para quem vinha do outro lado do oceano Atlântico, séculos atrás. Era preciso conhecer bem seus caminhos para chegar aos portos em segurança.

“É... Não existe bom vento para o marinheiro que não sabe para onde ir...”, poderia dizer um velho marujo ao ver mais uma carcaça de madeira e ferro entrar para a conta daquele litoral...

Fim da história, certo?

Não quando, junto aos montes de sacos de farinha e bugigangas que um tal navio mercante deu de presente para o mar, também tivesse um garrafão de vidro grosso... E que foi pousar delicadamente sobre o arrecife, ali ficando como um porta-retratos na estante.

E que estante! O melhor apartamento da região, diria eu, com vista para uma badalada metrópole deste pedaço do mundo marinho: Abrolhos. Dali alguém poderia ver, de camarote, concertos inteiros das baleias Jubarte, que vinham todo ano se apresentar, dentre outras maravilhas.

E foi justamente ali, dentro desta garrafa, que Jaci brotou. Muitos fotografaram e divulgaram este feito da mãe natureza: um Coral-Cérebro que cresceu naturalmente dentro de uma garrafa de vidro no fundo do mar, ou “Um gênio em sua lâmpada encantada, prestes a sair e nos conceder desejos”, como foi publicado nos jornais.

Pode-se dizer que Jaci era uma celebridade entre os turistas humanos, mas também em meio aos peixes, crustáceos, mamíferos e outros moradores locais, que formavam filas enormes para vê-lo, dar oferendas e pedir conselhos.

— Toque no vidro e faça sua pergunta. — informavam as lagostas que faziam a segurança do santuário.

— Ele enxerga a gente lá no fundo! — repetia sempre a Moreia Verde para a multidão de fãs de Jaci, sem se dar conta de que era o reflexo da sua própria imagem no vidro da garrafa que lhe dava esta impressão.

Pois é, pessoal... Quem não sabe que anote agora: um cérebro que cresce fechado em uma redoma dificilmente entenderá o que se passa de verdade aqui fora, no mundão. Na real, Jaci não dava muita bola para os que nadavam perto de sua imponente casa de vidro.

A não ser quando tinham uma boa fofoca para contar. Ah, e se vocês soubessem como os peixes são fofoqueiros... Nunca conte seus segredos para uma Barracuda, Garoupa ou Namorado! As Sardinhas então... Graças a elas, Jaci sabia quem tinha sido pescado fora da temporada antes de todo mundo.

E isto só fez aumentar a sua fama! Ele era tido como o maior sabe-tudo do pedaço.

— Mestre, qual é a cor de tendência pro verão? — perguntou o Polvo no fim da estação.

— Oh, grande cérebro! Onde estão as melhores algas da Bahia? — queria saber o líder do cardume vegetariano.

Quando estava em um bom dia, Jaci até que respondia algumas perguntas. Já de mau humor, principalmente pela manhã...

— Ói, o verão vai ser do vermelho, viu. Quanto mais forte, melhor.

Ou então:

— Sabe o barco assim, assado que passou agora há pouco? É só ir atrás dele e encontrar uma plantaçoão di-vi-na de algas! — dizia, sem se importar que, assim, mandava os vegetarianos para as redes dos pescadores e os polvos vermelhos, mais fáceis de caçar, para os pratos de quem podia pagar por eles.

Capítulo II

A fama de Jaci não ficou só por ali, claro. No oceano, até o menor dos feitos gera efeitos, que são carregados nas correntes marítimas pelos olhos de quem viu ou na pele de quem sentiu.

Foi assim que, muito distante daquela costa, Zica, a tartaruga-de-couro, ouviu falar que no Oeste vivia um coral-cérebro muito sábio.

— Ai, meu colar de pérolas! — exclamou de si para si. E correu para espiar as estrelas para garantir com os olhos a direção para onde mandava seu coração. Tinha uma pergunta para Jaci.

Depois de navegar por dias com um ponto de interrogação embrulhado no estômago, Zica finalmente chegou no que nós, humanos, chamamos Brasil.

— Colarzinho... Cheguei! — exclamou, segurando a respiração e uma risadinha. — E, quem diria... O tal sabichão RONCA!

De fato, Jaci dormia pesado. Estava num sonho gostoso. TOC, TOC, TOC, os fotógrafos tinham voltado. TOC, TOC, e um Tubarão Azul lhe perguntava quem era um tal de TOC, TOC, TOC, Cação que todos queriam ter no jantar...

— Oxe! — gritou Jaci ao dar com os grandes olhos pretos de Zica colados no vidro. — Socorro! So-cor-ro!

Em dois tempos a vizinhança de pijamas apareceu para assistir ao barraco. Jaci não aceitava ser acordado assim, de supetão. Sobrou para as lagostas guarda-costas e, claro, para a tartaruga, que ficou, literalmente, boiando.

— Tirem imediatamente este barril de gordura da minha calçada! Aqui é propriedade privada, está me ouvindo? Pri-va-da!

O chefe dos guarda-costas tentou acalmar a situação: — Ainda não abrimos a visitação, senhora tartaruga. Volte depois e...

— Hoje não vai ter consulta! E amanhã também não. — Continuou a ira de Jaci. — E você, pesadona, vá simhora, que de mim não vai ter um ai.

Esta última frase de Jaci a tartaruga Zica não escutou, porque teve que subir para respirar. Quando voltou, os curiosos já tinham ido embora, mas o mal humor de Jaci não.

— Mestre, eu sou a Zica... E vim de tão longe, sim, senhor... Ah, se estas nadadeiras falassem, falaria Jaci, Jaci, Jaci. — sorriu a tartaruga, girando o corpo. — E acho até que falam mesmo, de tanto que queremos perguntar...

— Ai de mim! — bufou Jaci. Mas repensou que talvez fosse melhor responder qualquer coisa logo e ter de volta seu sossego.

— Lagostas, vou atender a imigrante. Essa gente é uma praga — bufou novamente, baixinho. — Mas tirem ela daqui logo, visse?

As lagostas então baixaram a guarda para Zica se aproximar mais um pouco.

— Senhora, toque no vidro e faça sua pergunta. Mas seja rápida, tá? — disse uma delas.

Zica cabeceou o garrafão, com força e fé, de olhos fechados. Um sentimento de pura felicidade percorreu seu corpão. “Este vai ser um daqueles momentos inesquecíveis”, pensou ela.

E foi mesmo.

Foi só a tartaruga abrir os olhos para ver o garrafão de Jaci rachar de cima a baixo. O vidro partido tombou para os lados, deitando seus cacos no chão, como uma perfeita casca de ovo quebrada.

Vocês conseguem imaginar o que aconteceu depois disso? Resumindo, Jaci quase desmaiou umas três vezes, berrou, xingou, chorou e clamou por justiça. Já a tartaruga Zica continuou por ali, sem conseguir fazer a sua pergunta. Para piorar a situação, mergulhadores apareceram com suas máquinas fotográficas e não deram bola nenhuma para Jaci, que agora era como todos os outros corais-cérebro de Abrolhos.

Capítulo III

É certo que dias e noites se passaram, esfarelado-se como aquele garrafão de vidro. Agora ninguém mais aparecia para ver Jaci, dar oferendas ou pedir conselhos. Os peixes, então... Como dizem por aí, eles têm uma memória curta.

— Ah, sem a minha garrafa o sol me queima!... Sem a minha garrafa não durmo com tanto barulho!... Sem a minha garrafa tenho medo disso e daquilo... — ficava Jaci, entre choros e berros.

Zica era a única que não arredava o pé dali. E virava guarda-sol. Virava escudo. Virava caixinha de música para Jaci dormir tranquilo:

“Dorme... Dorme...”

O medo só tem dono

Enquanto a noite foge

De medo do seu sono...”

É... as tartarugas são mesmo pacientes! Zica ia ajudando Jaci como podia e, assim, o coral foi se acostumando com sua grande presença.

— Ô! Chupeta de Baleia! Taí ainda?

A tartaruga dava risada:

— Mestre, eu já vi muita coisa mesmo, viu? Ah, se vi, colar de pérolas! Na última primavera, passei por uma ilha enorme todinha feita de coisas que os humanos perderam no mar. Lá na Ilha dos Perdidos deve ter dessa chupeta que o senhor tá querendo. Inclusive foi lá que eu conheci duas...

— Tartaruga, você sabe chegar na Ilha dos Perdidos? — interrompeu Jaci, sem ar, como se tivesse acordado de um pesadelo.

— Como não? Eu sempre sei como chegar nos lugares, sim, senhor, deve ser uma coisa de tartaruga isso. Não sei como acontece, mas a minha barriga me diz “vai pra lá, vem pra cá” e...

— Tartaruga! Calada! — Interrompeu novamente o coral, nervoso. Gê-ni-o! Teve vontade de gritar. Tinha ouvido falar da tal ilha, mas nunca conheceu ninguém que soubesse o caminho. Enfim, respirou profundamente e disse, muito mais calmo:

— Venha cá, grandona. Você demoliu minha casa... Mas eu quero te perdoar. Posso até responder aquela perguntinha sua. Isso é coisa bobá pra mim, não sabe? Mas vai ter que me levar até essa Ilha dos Perdidos. Ah, se vai!

Em um fim de tarde chuvoso, com a ajuda de duas lagostas, suas ex-guarda-costas, e de uma Moreia Verde (lembra da moreia lá no capítulo I? É a mesma!), Jaci foi colocada nas costas de Zica, que remou para o alto-mar.

— O que deu na cabeça do Mestre pra ir pra tão longe? — perguntou uma lagosta para a outra.

— E eu lá sei de gente doida? E que Mestre que nada! Lá se vai o maior chato da Bahia, isso sim!

“E a Moreia Verde, o que disse?” – vocês podem perguntar. Ah, essa já tinha virado as costas para procurar outro mestre antes mesmo de Jaci e Zica sumirem no azul do oceano Atlântico...

Capítulo IV

Você já entendeu o que Jaci queria fazer na ilha dos perdidos? Zica entendeu também... O coral-cérebro acreditava muito que ia encontrar lá um novo castelo para si, quem sabe até melhor do que o antigo garrafão de vidro?

Enquanto ele tinha seus sonhos de grandeza, a tartaruga Zica nadava tão concentrada em sua missão, que às vezes parecia também sonhar acordada...

Até que um ruído estranho despertou a dupla para a realidade. Era como se o silêncio do fundo do mar fosse arrancado por poderosas garras, que chegavam cada vez mais perto. Zica foi a primeira a gritar: — Arrastão!

Imagine a boca aberta de um dragão do tamanho de um campo de futebol. Presa a correntes que arranhavam o fundo do oceano, uma enorme rede tragava TUDO a sua frente, sem dó nem piedade.

— Suba, suba, su-ba, sua LESMA! — gritou Jaci quando foram engolidos por uma nuvem de poeira grossa.

A dupla rodopiou, trombando em peixes, plantas e pedras. Perderam-se em um labirinto feito de destroços e puro terror, ficando totalmente sem rumo. Depois, amontoados com a pesca no fundo da rede, escutaram um canto sinistro, um coral de vozes que vinha de algum lugar daquela escuridão.

“Arrasta, arrasta...

Carrega, esfrega, descasca.”

Lá da superfície, o popopó do barco pesqueiro marcava o ritmo:

“Desmata, arrasa...

Arranca, macera, destroça.”

— É o fim da linha! O fim da linha! — gemeu Jaci.

— Colarzinho meu! Mestre, você é mesmo genial! — disse Zica por cima da canção medonha, colocando força nas nadadeiras.

A tartaruga nadou seguindo a direção do barulho do motor do barco, que puxava os cabos de aço da rede até o “fim da linha”. Deste jeito conseguiram sair da pança do monstro, que seguiu o seu caminho, implacável.

Quando a poeirada passou, a dupla notou que a canção de morte que ouviram vinha de dezenas de corais-sóis grudados aos cabos de aço logo acima da rede.

— Por que a cantoria, seus loucos? — ralhou Zica, vermelha de raiva.

— Ha-ha, quem não dança canta! Cante conosco, também! Há males que vêm para o bem... — disseram os corais-sois, entre risinhos.

Zica bufou comprando a briga, mas Jaci, querendo sair correndo dali:

— Quem tá preso às correntes são eles, não a gente, grandona! Vambora! AGORA!

Subiram então para a superfície, para a tartaruga respirar e se acalmar. E viram o tal barco pesqueiro se afastar dançando nas ondas...

A dupla não disse mais nada um para o outro naquele resto de tarde. Zica tomou o rumo do Norte, lenta e pensativa, agora com uma profunda pena daqueles corais cantores presos às correntes do arrastão. “Quem anda tão perto do mal, mal nota o tal...”, concluiu.

Exausto, Jaci dormiu profundamente embalado pelo balanço da tartaruga, feliz por estar em movimento.

Capítulo V

Zica queria tanto chegar logo na Ilha dos Perdidos, que esquecia até mesmo de comer. Disputava uma corrida secreta, mas TÃO secreta consigo mesma, que talvez nem ela soubesse dizer o porquê de tanta pressa.

Foi Jaci que decidiu que já era hora de parar um pouco:

— Tartaruga, o seu estômago tá me sacudindo, de tanto que ronca. Vai que você desmaia de fome comigo nas costas?

— Humm, colar de Pérolas! — Zica lambeu os beiços — E logo ali no topo daquele platô tem um lugar ótimo para caçar comida boa, sim, senhor, e...

A frase morreu na boca aberta de espanto da tartaruga. Deveria estar na sua frente um recife colorido, cheio de peixes e águas vivas. Mas, em vez disso, o que viram foi uma paisagem cinza, parecendo uma enorme escultura de concreto.

Zica sobrevoou o espaço como quem vê um filme mudo em preto e branco. Tinha certeza que estava no lugar certo, mas não queria acreditar. Aquele recife inteiro estava morrendo.

— O que aconteceu por aqui, minha querida? — perguntou Zica para uma anêmona murcha, a única que encontrou ainda com um pouco de cor.

A anêmona esticou os braços e disse com esforço, usando a língua de sinais: “Água quente”.

Jaci entendeu na sua carne o que a anêmona quis dizer. Desde que chegou ali, não se sentia lá muito bem...

— E para onde foram os peixes e todo o resto? — continuou a Tartaruga, desolada.

“Pro fundo...”, foi tudo o que a anêmona conseguiu sinalizar, apontando ribanceira abaixo.

Jaci olhou para o despenhadeiro por um longo tempo, paralisado. Atravessou em pensamento toda aquela escuridão, chegando bem perto dos domínios da morte... E o abismo encarou-o de volta, fazendo-o tremer.

— Zica, eu... Eu... — balbuciou ele, quente de febre.

Os dois não tiveram outro remédio, senão procurar rápido por águas mais frescas. Demorou um pouquinho, mas finalmente entraram em uma corrente marítima de água fria que curou Jaci.

— Como pode um arrecife inteiro morrer de repente? — indagou o coral-cérebro para si, sem perceber que falava em voz alta. — Será que isso pode acontecer também em outros lugares?

— Eu já naveguei muito por aí, Mestre Jaci, por todo canto. — disse Zica com tristeza — Essa febre já faz parte das águas do mar, sim, senhor. E o que é do mar sempre abraça o mundo todo...

Continuaram então a viagem, embora Jaci não tivesse mais muita certeza do que queria encontrar na ilha dos perdidos. Zica tinha salvado sua vida duas vezes, era obrigado a reconhecer. E saber disso mudava tanta coisa! Afinal, o que seria aquilo que ela queria saber, que valia correr tantos riscos com ele nas costas?

Capítulo VI

O que é, o que é? Tem fronteira, mas não tem beira. Naufraga, mas não afunda. Tem fim, mas não acaba. É colorido, mas não tem graça, e seu futuro é um passado que não basta?

— A Ilha dos Perdidos não é uma ilha. — foi o que Jaci disse quando chegaram naquele lugar que não era lugar algum.

Ali estavam os dois, finalmente em seu destino, mas o coral-cérebro se sentia desanimado. “Nada do que tá aqui foi perdido... Mas para sempre esquecido, isso sim”, refletiu.

Um solavanco lhe tirou de seus pensamentos. Zica, faminta, conseguiu caçar algo para comer, e mastigava lentamente...

— Sacola, sacola! — gritou uma voz fininha de criança, caindo sobre os dois.

Embolados, giraram na água, até outro par de mãos acabar com a brincadeira.

— Eze! O que pescou aí? — perguntou a menina, molhada de sol. — Ah, tartaruga gulosa, ee!¹

— E tirou da boca de Zica o saco plástico mascado.

Em um bote remendado e coberto de farrapos, equilibrava-se uma duplinha de humanos realmente fantástica. Eze, o menino, tinha pulseiras coloridas nos braços, levava grandes óculos escuros quebrados e um largo sorriso no rosto de lua nova. Já Afba era uma menina duas cabeças mais alta que Eze. As muitas sacolas penduradas em seu pescoço grudavam-se em camadas, dando-lhe uma aparência de cebola descabelada.

Jaci gritou com toda força. Tinha certeza que desta vez Zica ia virar jantar e ele seria abandonado como uma âncora velha.

— Escutou, Eze? O coral-cérebro fala! Mas como, se nem boca ele tem? — riu Afba enquanto descolava Jaci das costas de Zica, mergulhando-o em seguida em um grande balde transparente com água do mar.

— Fala! Fala! — exclamou Eze, alegremente, subindo a bordo.

— E eu já conheci gente que tem boca e fala, mas não tem cérebro! Ah, se conheci, meu colar!

— sorriu a tartaruga, brincalhona. — Não disse que ia voltar, menina cuca-oca?

— Dona encrenca? Zica? Zica! — exclamou a menina, reconhecendo a tartaruga que conhecera tempos atrás. — Tá com fome, né? Toma aqui uma água-viva fresquinha que eu pesquei...

Foi assim que Jaci e Zica ficaram com Eze e Afba. As crianças dançaram em homenagem aos convidados, e coroaram Jaci com uma divertida guirlanda de plástico bolha.

Zica contou que aqueles dois estavam presos faz um tempão ali, na Ilha dos Perdidos. E Jaci reparou na quantidade de garrafinhas com mensagens de socorro que boiavam ao redor do bote...

Quando anoitecia, o coral ficava observando elas dormirem... E sentia uma tristeza imensa, o reflexo de sua própria imagem no balde de plástico se misturando à visão das crianças, todos prisioneiros e tão frágeis, afinal.

Foi em uma dessas noites, quando se viu refletido nos olhões parados e calmos de Zica, que o coral enfim chamou a tartaruga para perto.

— Venha cá, grandona. Toque aqui e diga aquela sua pergunta, venha.

Zica, então, tocou o balde com a ponta da nadadeira e começou, baixinho:

— Mestre, em pouco tempo vou voltar lá na praia onde nasci, sabe? Pra deixar enterrado ali o meu colarzinho de pérolas...

Jaci já tinha ouvido falar daquela praia. Ficava na foz de um rio que chamam de Doce. E se sentiu idiota por saber tanto de lugares onde nunca tinha estado e tão pouco sobre quem o acompanhava por tanto tempo. Zica ia ser mamãe!

— Nós, tartarugas, entregamos nossos filhos pra vida, não tem outro jeito. Eu só queria que todas as crianças fossem felizes nesse mundão, mais nada. Enfim... Como vai ser o mar que vai abraçar nossos pequenos, Mestre?

— Eu... Eu não sei dizer, Zica. — respondeu Jaci, com um fio de voz.

Capítulo VII

Foi Afba que notou no horizonte um pontinho preto. E que aos poucos foi crescendo, crescendo, crescendo ao se aproximar, até cobrir de sombras boa parte da ilha dos perdidos. Era uma imensa torre enferrujada, que boiava sobre quatro grossos cascos.

— Chei²! Esse fantasma é dos grandes! Olá! Olá? — gritou a menina fazendo uma garrafa de alto-falante. — Não deve ter ninguém lá também...

Afba chamava de “fantasmas” as aparições que passavam à deriva por ali de vez em quando. Veleiros, barcos de pesca, e até mesmo navios de guerra, sempre vazios e caindo aos pedaços, como mortos-vivos.

— E eu juro que já vi até um avião sem asas, como daqui ali. — disse ela.

— Avião! Avião! — exclamou Eze de braços abertos, dando em seguida uma cambalhota e um mergulho no mar.

— Oxente! Volta aqui, moleque! — ralhou Jaci, aflito. — Não chegue perto desse troço! Zica, vai lá!

Mas o menino não se demorou e, já dentro do bote, achou graça do rastro pegajoso de óleo que descia escorrendo quente de suas perninhas magras.

— O fantasma tá mijando pretume no mar! Santa tartaruga, colarzinho! — disse Zica escondendo-se atrás do bote. — Corre lavar isso dele que queima!

— Afba, acode! Entorna a água do meu balde nele! Vai, ligeiro! — gritou Jaci.

Afba levantou o balde, afobada, despejando a água limpa no irmão. Mas o movimento a desequilibrava no bote e o coral foi junto, rolando para fora. Jaci caiu perto de um dos cascos do gigante e sumiu no mar em um tibum oco.

De onde estava, cercada de petróleo, Zica não podia fazer nada para socorrer o amigo.

— Pesca ele! Pesca ele! — gritava Eze, aos soluços, abraçado ao balde vazio.

— Não tô encontrando... Cadê, Mestre Jaci? — chamou a menina, as lágrimas pingando, afastando o lixo da ilha com um pedaço de remo.

Zica chorava também. Conhecía o peso do mestre... E como era profundo o oceano naquele ponto.

Lá no alto a velha torre de ferro rangia, parecendo rir da situação.

— Ó paí, ó! Cês tão de ponta-cabeça, vixe! — exclamou a voz de Jaci, parando o chororô da turma na hora. Ele flutuava de cabeça para baixo, sua coroa de plástico bolha feito boia. — Dá pra me tirar daqui antes que essa lama me pinte ou eu afunde de vez?

As pernas de Eze ficaram com marcas vermelhas, que coçavam muito. Afba fez o melhor possível para limpar a pele do irmãozinho, que ficou alguns dias deitado e enrolado em uma lona, febril. Jaci pediu para colocarem seu balde ao lado do menino. E passou todo o tempo cantando para ele, contando histórias, protegendo o seu sono...

— Noite, Naa³. Noite, Naa. — disse Eze para Jaci, adormecendo.

— Ei! Psiu! Grandona, se aproxime aqui. — sussurrou o coral para a tartaruga. — O que que é “Naa”? Sabe?

No que ela respondeu, sorrindo:

— Ah, essa é fácil, Mestre Jaci! “Naa” é a palavra para “mestre”, na língua deles. — e continuou, piscando um olho. — Mas pode ser também outra coisa: Papai.

Capítulo VIII

Jaci viu a estação ganhar tons de laranja, rosa e amarelo. O monstro de ferro sumiu no horizonte, levando consigo seu rastro de óleo. Eze melhorou, e seus olhos vivos sempre eram as primeiras imagens daqueles novos e alegres dias.

— Brincar! Brincar! — exclamava o menino pulando no mar.

— Bom dia, coral da Bahia! — sorria Afba com um guarda-sol aberto apoiado no ombro.

Até o meio-dia os quatro inventavam mil brincadeiras. Lonas verdes e vermelhas viravam asas de papagaio. Tampinhas de garrafa, um valioso tesouro de pirata. E as costas da tartaruga Zica, um mural perfeito para os desenhos coloridos das crianças!

Enquanto pintavam, Eze ia pedindo histórias e mais histórias para Jaci.

— Ah, meu rei! Não me lembro de história nova agora pra contar...

— Então conta a história da viagem que vocês fizeram pra cá de novo! — pedia Afba, sentada ao lado do menino.

— Conta sim, Mestre Jaci! Vai! — insistia Zica, na beirada do bote.

A conversa, como sempre, vestia a tarde com as histórias do mar.

Jaci falava do arrecife onde cresceu, dos shows das baleias Jubarte, dos fotógrafos que vinham lhe visitar. Contava até algumas fofocas das sardinhas! As crianças davam risada quando Zica quebrava o garrafão de vidro.

— Cabeça dura! Cabeça dura! — gritava Eze.

— Ai, ai... Agora é o arrastão! — dizia Zica, fingindo medo.

— Você fala a linguagem dos sinais? — sempre perguntava Afba para Zica quando Jaci contava da anêmona murcha, no que ela respondia, emendando em outras histórias:

— Eu falo muitas línguas, colarzinho! É uma coisa de tartaruga essa, sim, senhor, a gente viaja muito por aí e...

Lá do seu novo santuário, enquanto ouvia Zica contar suas viagens, Jaci desejava agora o que não cabia mais em nenhuma redoma: Liberdade. Liberdade escrita assim mesmo, com maiúscula. Liberdade. Não só ir e vir por aí, mas principalmente ser o que se quer ser, ou o que se já é... Liberdade era, enfim, viver em busca da felicidade.

E quem deseja a felicidade não deseja só para si.

Foi por isso que Jaci decidiu morar com aquelas crianças ali, na Ilha dos Perdidos, para sempre. E contar histórias para dormirem. E acompanhar as suas brincadeiras quando acordassem, pois tinha escolhido ser e estar ali, para elas.

Já a tartaruga Zica teve que dar ouvidos a sua natureza e partir.

— Fique longe de encrencas, viu, dona tartaruga! — despediu-se Afba.

— Tchau, tchau, meus lindinhos! Cuidem do Mestre Jaci, tá? Ele não pode ficar muito no sol e tem aquela música que ele gosta, sabe...

— Ô, mainha, vai logo, criatura! — interrompeu Jaci, segurando a emoção. Mas depois sussurrou, chamando a tartaruga para perto. — Desculpe não conseguir responder aquela tua pergunta, Zica. Eu te obriguei a me carregar até aqui e eu não...

— Obrigou? Colarzinho... Bobagem! Quem manda no meu caminho é ela aqui, ó! — sorriu Zica, mostrando a barriga. — Ah, e eu não queria resposta, não, Mestre. Só perguntar mesmo!

— Abraça o mar! Abraça o mar! — gritou Eze acenando do bote, quando Zica, enfim, mergulhou.

E, vendo esta cena, Jaci se sentiu muito, mas muito feliz de repente... “Oxe, taí uma coisa, viu? É um abraço desses que sara o mundo!”

Epílogo

Seu Sidinho e Marina já tinham percorrido quase cinco quilômetros de praia aquela noite, parando de vez em quando para cercar e proteger os novos ninhos de tartaruga que encontravam. A areia branquinha, fina e fofa seguia debaixo de seus pés, iluminada pelas lanternas de mão.

— Ai, que sede! — disse a bióloga Marina, sentando-se no chão.

Ficaram ali os dois, bebendo água fresca do cantil, ouvindo o barulho das ondas e conversando. Marina não se cansava das aventuras que seu Sidinho contava dos tempos de pescador. Ela gostava principalmente de observar o senhor aposentado falar do seu jeito tranquilo...

Até que, no meio do caso — Véi! — exclamou Sidinho, virando o tempo em um pinote, os olhos fixos no mar.

Era uma tartaruga-de-couro. Uma das maiores que já tinham visto. Brilhava vestida de plâncton na espuma das ondas, linda como uma noite estrelada. Foi se arrastando praia adentro e começou a cavar o chão, jogando areia para cima. Hipnotizada, parecia não ver nada ao seu redor, tamanha a concentração...

Marina e Sidinho se aproximaram devagar, ajoelhando-se bem pertinho dela.

— Massa... — sussurrou a bióloga, abobada. As costas da tartaruga estavam cheias de desenhos infantis, alegres e coloridos.

— E tem uns escritos aqui também! Ali, ó, Marina!

E foi ali, naquele cantinho de praia, que as tartaruguinhas de Zica conheceram a luz do dia, meses depois. Naquela manhã muitos fotografaram os filhos da famosa “tartaruga tatuada”, ou, “A carta que o mar entregou para a terra, como uma mensagem engarrafada”, como foi publicado nos jornais.

1. Sim em Igbo.
2. Uau em Igbo.
3. Mestre ou Pai em Igbo.

O Projeto Abraça o Mar é um programa cultural de educação ambiental. Nossa missão é estimular a conscientização ambiental, engajando alunos e comunidades escolares em ações de preservação e recuperação do oceano. Realizamos atividades que ampliam o conhecimento a respeito do tema “água” (SABER), despertam o interesse pelo meio ambiente (SENTIR) e fomentam a criação de grupos para a mobilização socioambiental (FAZER).

Para mais informações, acesse: www.abracaomar.com.br

Siga-nos no *Facebook*: www.facebook.com/escoladouradinho

E no *Instagram*: www.instagram.com/escola_douradinho

Entre em contato com o autor: thiago@caraminholas.com

Texto: Thiago Cascabulho

Ilustrações: Estúdio Rebimboca
www.estudiorebimboca.com.br

Produção e Coordenação Editorial: Caraminholas
www.caraminholas.com

Produção Executiva
Laura Amorim

Contato:
thiago@caraminholas.com
(11) 9 6586-8365
www.caraminholas.com
www.abracaomar.com.br

PATROCÍNIO



MINISTÉRIO DA
CULTURA

